

ÓRGÃO CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS
Director
António Dias Lourenço

davante!

Ano 45—Série VII—N.º 66
2 de Maio de 1975
NÚMERO ESPECIAL
Preço 4\$00

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

CENTROS

Propriedade do Partido Comunista Português * Red. / Adm. - Av. Santos Dumont, 57-3.º - Tels. 769705-769744-769751-779828 * Imp. e Comp. - Soc. Nac. de Tipografia, S. A. R. L. * Distribuição - Distribuidora «O SÉCULO»

1.º DE MAIO

OS TRABALHADORES PORTUGUESES COM O MFA RUMO AO SOCIALISMO





AVANTE RUMO AO SOCIALISMO





Uma chuva de flores. Cada vez mais densa, cada vez mais rubra, e o bombardeamento mais pacífico, mais belo, mais vermelho, mais revolucionário, mais português da História da Humanidade

O 1.º DE MAIO EM LISBOA

OS CRAVOS VERMELHOS DE ABRIL FLORIRAM ONTEM MAIS RUBROS

Foi um 1.º de Maio digno da Revolução Portuguesa. Um 1.º de Maio cujo eco deu a volta ao mundo, chegou a todos os povos cujos trabalhadores nos enviaram o abraço interno da solidariedade proletária. Uma festa como Portugal não vira outra no género. Há um ano tivemos o 1.º de Maio da esperança, da alegria pela liberdade conquistada. Agora tivemos o 1.º de Maio de confiança, da certeza da vitória final. A confraternização entre o povo e o MFA em Maio de 74 era o resultado da euforia do 25 de Abril, uma convergência que avançava para um futuro descomulgado. Ontem tudo era diferente. As duas componentes definiram-se ao longo de sucessivas batalhas contra a reacção, o movimento popular de massas e o MFA. Venceram e venceram com dificuldades contra o inimigo comum. Em 1974 as palavras de ordem eram democracia e liberdade, o objectivo imediato a destruição das estruturas fascistas e a descolonização. Agora o fascismo está destruído, a descolonização é uma realidade, o objectivo é a construção de uma sociedade democrática a caminho do socialismo.

Maio de 1975 confirmou essa evidência. Nos tempos do fascismo, nos duzentos anos da clandestinidade foram sempre os comunistas quem comemorou o Dia Internacional do Trabalho, desafiando a repressão da ditadura fascista. Mantiveram a tradição no Portugal democrático e revolucionário. Comparecendo massivamente demonstraram o óbvio, isto é, que a dinâmica do processo revolucionário e a natureza das suas forças motoras não foram alteradas em nada pelo resultado das eleições para a Constituinte. As nossas bandeiras inundaram o Estádio. As nossas palavras de ordem foram as palavras de ordem dos trabalhadores. A vitória é difícil, mas é nossa!

Cravos e solidariedade

Faltam poucos minutos para as 18 horas. Antero Martins, da Intersindical, saúda as delegações estrangeiras. Os trabalhadores aplaudem. E uma solidariedade que brota espontânea dos seus peitos. O Estádio explode numa ovação interminável quando o Chile é citado. O Chile vencerá! grita a massa, com os braços erguidos, inclinando as bandeiras. Uma, duas, muitas vezes, esse instante de comunhão revolucionária e proletária se repete. Com mais força, com mais entusiasmo, com mais calor, quando é anunciada a presença de representantes dos trabalhadores da União Soviética e do Vietnam. Eles são a presença viva de revoluções vitoriosas, forjadas por dois povos que, em condições muito diversas, souberam abrir caminho para o socialismo a golpes de hercúleo. A classe operária portuguesa sabe que em Moscovo, em Hanói e em Saigão, finalmente livre, os trabalhadores soviéticos e vietnamitas também pensam nela no Dia Internacional do Trabalho, também estarão aclamando a Revolução Portuguesa.

Quatro helicópteros sobrevoadam baixo o estádio, em evoluções lentas. Nas portas abertas há homens fardados que acenam ao povo. As carlinhas estão

ficadas de vermelho. As cabeças voltam-se para o alto. MFA! MFA! MFA! E do céu desce uma chuva de flores. Cada vez mais densa, cada vez mais rubra. Caem do firmamento azul cravos vermelhos sobre o estádio vermelho. As flores da Revolução cobrem o estádio dos trabalhadores revolucionários. Um estádio onde em cada metro tremula nas mãos fortes da classe operária uma bandeira vermelha do nosso Partido, uma bandeira comunista. E o bombardeamento mais pacífico, mais belo, mais vermelho, mais revolucionário, mais fraternal, mais português da História da Humanidade. O povo está com o MFA! O povo está com o MFA! Torna-se difícil entender as palavras de Antero Martins. A massa repete as três letras: MFA! MFA! MFA! Não é o mesmo clamor de 74. A sigla é a mesma. Mas o que era gratidão transformou-se em fraternidade. Os trabalhadores identificam-se plenamente com os seus irmãos de uniforme que lhes atiram cravos. E o Otelo! Na porta! Ali! Vitória! Vitória! O povo aplaude, comenta, recorda o 28 de Setembro, o 11 de Março, as lutas das duas componentes contra a reacção, as conquistas difíceis, a nacionalização da banca, o papel dos companheiros de armas, firmes no desafio aos monopólios e ao latifúndio, intransigentes no combate aos inimigos da Revolução. As últimas palavras do representante da Intersindical são continuadas por um clamor: «Socialismo sim! Vigarice não!» É uma resposta a todas as manobras oportunistas, a todas as provocações, a todos os pescadores de águas turvas que tentaram dividir os trabalhadores e boicotar a unidade sindical. Os vivos à Intersindical valem por um referendo popular, por uma demonstração massiva de confiança na central operária portuguesa e no Conselho da Revolu-

ção que acaba de reconhecer a personalidade jurídica. A festa do Trabalho é também uma advertência a todos aqueles que, jogando com palavras e manipulando situações, alimentam ainda a ilusão de que poderão dividir e confundir os trabalhadores. Avante! Avante! Rumo ao socialismo, e o grito que sai das gargantas já enrouquecidas pelos vivas e saudações. Socialismo sim, vigarice não! O Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves é recebido com uma das maiores ovações da tarde. A massa nota que se refere ao ex-general Spínola com palavras duras que correspondem ao que o povo sente. «Está a chamá-lo «traidor e criminoso», diz um operário da Lisnave para os seus camaradas. E é o que ele é.» Há gente que sai do estádio. São burgueses a quem não agrada talvez o tom do primeiro-ministro. Mas os claros são preenchidos por colunas compactas de militantes comunistas com as suas bandeiras desfaldadas. É uma oportunidade de assistir mais de perto à manifestação oferecida aos que não haviam conseguido entrar. Falando no seu estilo habitual, com rude franqueza, como trabalhador do MFA dirigindo-se à massa trabalhadora, o brigadeiro Vasco Gonçalves pede coesão e unidade em torno dos objectivos revolucionários. Destaca a importância decisiva da batalha da produção, a necessidade de mais unidade ainda contra todos os inimigos da unidade, contra todos os divisionistas e provocadores. Liga os apelos ao trabalho revolucionário, às críticas, à reacção e aos fantoches da ultra-esquerda. São palavras e exortações que entram no coração do povo, que os trabalhadores entendem. A multidão responde: «O povo está com o MFA!» E o Primeiro-Ministro insiste nos temas da unidade e da vigilância, no trabalho revolucionário, na responsabilidade como componente fundamental

do autêntico «controle» operário. «O MFA, afirma, não faz demagogia, não mente ao povo.» Os trabalhadores concordam, aplaudem, repetem em coro: MFA, MFA, MFA! «Ele tem razão — desabafam camaradas alinhados sob uma imensa e original bandeira comunista em que se lê: «Junta a tua à nossa voz. E o sol brilhara para todos nós» — Partido Comunista Português. — Ele tem razão, camaradas, é realmente da massa trabalhadora que depende a nossa liberdade!» Na Festa do Trabalho, na festa da solidariedade proletária, os trabalhadores de Portugal aclamam a responsabilidade na batalha revolucionária da produção. São ainda vitimas do capitalismo, mas sentem que começam a ser criadas as condições para que sejam os arquitectos do futuro, os construtores do socialismo. O dia, a atmosfera, o júbilo pelas vitórias alcançadas, a certeza de lutas cada vez mais difíceis, a

NOTA DA COMISSÃO POLÍTICA

1. A jornada do Primeiro de Maio de 1975 constituiu em todo o País uma grandiosa demonstração da organização e da força dos trabalhadores e da sua aliança com o MFA. Os trabalhadores, festejando a sua jornada internacional, vitoriam o 25 de Abril e as conquistas revolucionárias alcançadas desde então, designadamente as nacionalizações e a reforma agrária, e expressaram a sua determinação em defender as liberdades e em participarem activamente na construção de um Portugal democrático, a caminho do socialismo.
2. A manifestação e o comício de Lisboa tiveram particular grandiosidade. Centenas de milhar de manifestantes desfilaram pelas ruas e concentraram-se num dos maiores comícios jamais realizados. Tem profundo significado para o movimento operário português, para a luta das massas trabalhadoras e para a Revolução portuguesa em geral que, nesta grande jornada, os militares tenham desfilado junto com o povo e que, ao lado do representante dos trabalhadores e da Intersindical, tenham tomado a palavra representantes do MFA, designadamente o Presidente da República e o Primeiro-Ministro do Governo Provisório, cujos discursos constituem importante contribuição para a definição das tarefas políticas do momento. Estes factos são um exemplo, que adquire o valor de um símbolo, do novo Portugal democrático a caminho do socialismo. As jornadas do Primeiro de Maio reforçaram o papel da classe operária e de todos os trabalhadores na vida política nacional. Reforçaram também a aliança Povo-MFA, que, na sua dinâmica, torna irreversível o processo revolucionário.
3. O PCP lamenta os incidentes provocados no comício de Lisboa pelo Partido Socialista, procurando, embora sem êxito, boicotar os discursos e impedir o desenrolar da grande festa dos trabalhadores. Num momento em que se impõe o reforço da unidade de todas as forças que desejam lutar pela democracia e o socialismo, uma tal conduta não serve de forma alguma os interesses e a unidade dos trabalhadores, a cooperação entre as forças democráticas, a aliança Povo-MFA e a jovem democracia portuguesa. A definição clara dos verdadeiros objectivos das forças políticas e dos termos e formas de cooperação é essencial para o prosseguimento da política em curso. Apesar das dificuldades e contradições do processo, nada conseguirá destruir a unidade do povo trabalhador e a sua aliança com o MFA.

1 de Maio de 1975
A COMISSÃO POLITICA DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

raiva popular suscitada pelo jogo equivocado da burguesia explicam a mistura constante de vivas e vaais, de aplausos e advertências aos adversários directos e encapotados da Revolução. Socialismo sim, vigarice não! E sempre, a cada instante, numa tempestade de braços erguidos, de bandeiras desfaldadas: «O povo está com o MFA!» Nove entre cada dez bandeiras são do PCP. É uma manifestação de trabalhadores. A festa do Trabalho. Uma festa, portanto, em que o nosso Partido está presente em força. Há no estádio uma disciplina revolucionária espontânea que resiste a tudo. Ao calor, à longa espera, à tensão resultante da campanha eleitoral e da exploração demagógi-

ca dos seus resultados. Durante horas, a multidão cantou, expriniu todo o momento a sua fé no avanço da Revolução. Agora escuta, mas apropositos e encapotados da Revolução. Socialismo sim, vigarice não! E sempre, a cada instante, numa tempestade de braços erguidos, de bandeiras desfaldadas: «O povo está com o MFA!» Nove entre cada dez bandeiras são do PCP. É uma manifestação de trabalhadores. A festa do Trabalho. Uma festa, portanto, em que o nosso Partido está presente em força. Há no estádio uma disciplina revolucionária espontânea que resiste a tudo. Ao calor, à longa espera, à tensão resultante da campanha eleitoral e da exploração demagógi-

ram o povo e o MFA quem ganhou as eleições e não partido algum, é saudado com uma das mais quentes, mais prolongadas, mais vibrantes ovações deste 1.º de Maio confiante mas nervoso, voltado para o amanhã, mas naturalmente marcado pelo entusiasmo impaciente de trabalhadores que conhecendo as suas energias e a sua vocação revolucionária não aceitam que dentro e fora do País, queiram transformá-los em massa de manobra de uma burguesia de máscara socialista. O comício-manifestação termina como havia principiado. Com vivas ao MFA, à aliança do povo com as Forças Armadas. Com estentóneos «Abaixo a reacção!» Soldados, marinheiros, trabalhadores, abraçam-se, cantam o hino nacional entre bandeiras vermelhas e bandeiras rubro-verdes. «Camaradas, lutem os unidos, porque é nossa a vitória final. Todos juntos, numa só torrente, na cidade, no campo e no mar. Camaradas, lutemos unidos...» Cravos nos peitos, na boca dos fuzis, nas Chalmites, no foinho dos helicópteros. O povo canta a vitória, canta o avanço da Revolução. Os trabalhadores portugueses cantam a solidariedade que os une aos trabalhadores de todas as nacionalidades. É um 1.º de Maio português. O 1.º de Maio da uma revolução a caminho do socialismo. Um 1.º de Maio que é, não podia deixar de ser, uma festa comunista. A manifestação espalha-se pela cidade, como torrente caudalosa. Um rio de trabalhadores. Vermelho. Revolucionário. Unitário. De povo fardado e sem farda. As duas componentes formam um bloco compacto, sem uma fissura. Nada poderá detê-las, na marcha para o socialismo.





NO ESTÁDIO 1.º DE MAIO

AS PALAVRAS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Mulheres e homens de Portugal. A liberdade é a pedra angular da dignidade humana; a liberdade é o bem precioso que homens sem sono nem medo ofereceram ao povo de Portugal.

E pois uma grande alegria, digna dos trabalhadores de Portugal, alegria de, pela segunda vez, festejarmos o 1.º de Maio com plena liberdade de pensar, de sentir a nossa Pátria, e de traçar os nossos destinos.

Trabalhadores são os muitos, somos todos aqueles que, em troca de uma remuneração, oferecem a força generosa dos seus braços ou a honesta capacidade dos seus cérebros ao serviço de uma sociedade nova.

Pensamento e acção são duas realidades fecundas quando coexistem; qualquer delas quando isolada é um sonho que fenece estéril.

Trabalhador sem horário, sinto-me entre camaradas de trabalho, quando, mais uma vez, presto ao povo português o tributo de uma palavra amiga e fraterna.

Não poderia resistir ao impulso de me referir às eleições, sobretudo porque iludiria um dever e uma esperança generalizada.

Nas eleições os grandes vencedores foram o povo e a sua aliança com o MFA, o Portugal renovado em transição para o socialismo.

Podem os intelectuais puristas discutir se o povo votou exactamente o que quereria, mas nem os puristas podem negar que o povo declarou vigorosamente o que não queria: o Portugal de hoje não aceita extremismos, sejam eles das direitas, sejam eles ultra-esquerdistas.

E uma tentação referir aqui, na comunicação que fiz antes das eleições, sublinhei que o povo português sempre decidira com uma consciência intuitiva mais válida do que a das elites amolecidas, e frisei bem quanto acredito no progressismo empírico do povo que somos. Nestas eleições, em civismo classificá-lo-ia de óptimo e em intuição de excelente.

Como o nível de exigência é diferente não daria a mesma classificação a todos os que se consideram entidades políticas em Portugal.

Estas eleições, na opinião pública mundial que subscrevo, são a maior vitória da Revolução, o selo de ouro que garantiu a proclamada aliança Povo-MFA, confirmou a política de descolonização e sancionou o rumo do socialismo para o Portugal novo.

Perdoai a imagem de militar que sempre serei; quem ganha uma batalha passa à exploração do sucesso sem se preocupar em minimizar a vitória só porque entenda diminuta a instrução das suas tropas.

Mesmo que a informação pública mantenha a tónica de tecer extrapolações a partir de casos individuais de ignorância total da ciência política, manterei firme a minha fé na intuição magnífica do



povo que votou no progressismo autêntico e livre dos seus filhos fardados — no progressismo do MFA.

Não considero esgotado o assunto eleições sem uma outra referência justa.

Recordemos a genética quando em leis define que nas espécies vivas existem percentagens menores de indivíduos que se afastam dos caracteres dominantes e constituem franjas limites na curva da distribuição.

Também nas sociedades humanas haveremos de reconhecer formações políticas limites nos dois extremos da distribuição, correntes de opinião menos viáveis, mas que haveremos de respeitar enquanto, reciprocamente, saibam respeitar a sociedade a que pertencem.

Nestas eleições, quem pode negar que haja sido digno o comportamento dos bilaterais extremos políticos portugueses, no momento em que acima de todas as ideologias colocaram a ordem e a tranquilidade do povo a que pertencem?

Feliz é a sociedade que tem franjas mas não formações políticas violentas e aberrativas.

Já vai longe a dissertação sobre eleições, vejamos agora os problemas maiores que a Revolução

terá de enfrentar: educação e economia.

Em educação, colocamos dois problemas distintos:

— A necessidade de realizar uma revolução cultural que, em todas as

— Vazios angustiantes na legislação e princípios que regem a autoridade democrática de um sistema de produção;

— Inevitáveis alucinações de alguns homens sequiosos dos seus direi-

classes actuais, crie uma vocação voluntarista para a sociedade portuguesa sem classes, sem ricos nem pobres, sem privilegiados nem explorados, para o socialismo português;

— A necessidade de mentalizar os nossos jovens para o facto de que já estamos nos caminhos que conduzem à sociedade nova.

Tempos houve em que foi prioritária a sua luta política e se justificou o abandono dos livros, das aulas, dos estudos. Tudo mudou já. Agora estudam os mais aptos, os mais voluntariosos e dedicados, os futuros trabalhadores de opinião; os outros devem passar à acção, contribuindo com a força do seu braço no desafio grande de produzir riqueza directa, socialmente útil.

Apesar da explanação que o sr. Primeiro-Ministro fez, não deixarei, em todo o caso, de abordar o essencial da batalha da economia.

Da total transformação dos princípios e rotinas capitalistas no rumo de uma distribuição justa da riqueza produzida para benefício das classes sem privilégios, salientam-se algumas consequências:

tos, tanto trabalhadores como capitalistas.

Deste e doutros fenómenos resultou carência de meios e de confiança para investir, enquanto vivemos perigosamente acima dos nossos rendimentos, numa economia estagnada.

A vitória da batalha económica vai exigir-nos mais sacrifícios, mais reforços, mais disciplina e mais autoridade democrática no trabalho.

Vou terminar. Neste segundo ano da Revolução Nacional, festejemos o 1.º de Maio, na grande festa do trabalho e das Forças Armadas.

Saúdo os trabalhadores de todas as actividades, saúdo os militares de todos os ramos.

Bem hajam os trabalhadores estrangeiros que por simpatia ou dever de função se deslocaram a Portugal, para viver connosco esta festa grande.

Bem hajam os emigrantes, as mulheres e os jovens aqui presentes na festa nacional do trabalhador português.

Viva a aliança Povo-MFA;

Viva o trabalho e os trabalhadores;

Viva Portugal.

NO ESTÁDIO 1.º DE MAIO

AS PALAVRAS DO PRIMEIRO-MINISTRO

Sob aplausos e gritos «O povo está com o MFA», «Soldado amigo o povo está contigo», o Primeiro-Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, começou o seu discurso agradecendo, em nome do MFA, a presença solidária do povo português. «É um dia de unidade pelas vitórias alcançadas. Mas é também um dia de análise dos nossos problemas, um dia de tomada de consciência das nossas responsabilidades, para vencer os obstáculos que se nos depa-ram. A acção dos trabalhadores é decisiva para a libertação do povo português.»

O brigadeiro Vasco Gonçalves fez uma análise do processo português começando por se referir à crise Palma Carlos, «onde estive envolvido o ex-general Spínola e políticos proeminentes. Derrotas das forças que queriam reduzir o 25 de Abril a simples golpe de Estado». Falou depois do 28 de Setembro, «primeiro ataque em forma de reacção», e do 11 de Março, em que «os reaccionários, que já há muito conspiravam, lançaram camaradas de armas contra camaradas de armas, o que neste momento é a maior traição que se pode cometer contra a nossa Pátria».

«Nós avançamos combatendo os nossos inimigos», acrescentou. «O 28 de Setembro permitiu a subida à Presidência da República do general de mais prestígio das nossas Forças Armadas, o homem que o Movimento tinha escolhido ainda na clandestinidade, o nosso general Costa Gomes».

Além do 11 de Março permitir o avanço do processo, a tomada de medidas revolucionárias permitiu também «o afastamento do sector spinolista, responsável por todas as tentativas de divisão dentro das Forças Armadas. O 11 de Março criou condições mais favoráveis para o Povo Português».

A campanha de boatos alarmistas, disse depois o Primeiro-Ministro, «que faziam correr que as eleições não se realizariam, teve como respostas, unicamente, a política de honra e de verdade em que o MFA está empenhado, através do cumprimento fiel do seu programa». E a prosseguir: «A nossa missão é dura. Conciliar o que parece inconciliável, resolver contradições que parecem irredutíveis, arranjar unidade onde parece haver desunção. Temos que observar a nossa realidade, descobrir soluções originais. Na História não há factos repetidos. O nosso inimigo principal é o fascismo e a reacção. Está



em causa, fundamentalmente, a nossa estrutura económica. Ela está doente; é uma herança do fascismo, que se agravou devido à sabotagem económica, à crise do capitalismo e também devido ao próprio desenvolvimento do processo revolucionário. A nossa crise económica é o obstáculo fundamental a vencer».

E, mais adiante: «O recuperamos por nos próprios, com o nosso esforço, ou comprometeremos gravemente a marcha do nosso processo revolucionário. Da vitória na batalha da produção depende o futuro da nossa Revolução. A batalha da produção é uma etapa necessária para vencermos a crise económica e criar condições para o futuro desenvolvimento de uma via socialista. O principal papel nessa batalha da produção pertence a vós, trabalhadores! O vosso esforço, o trabalho reverterá em benefício da colectividade e não em benefício de classes privilegiadas».

«Que pede então o MFA aos trabalhadores? Coesão e unidade em torno dos objectivos verdadeiramente nacionais e em cuja definição os trabalhadores parti-

ciparão. É necessário que os trabalhadores não se deixem dividir por lutas políticas, partidárias, dentro dos seus sindicatos».

«A vossa unidade e vosso esclarecimento político e ideológico são a base principal do passo que temos de dar no caminho da revolução, do futuro. Pedimos também aos trabalhadores lucidez em face da realidade nacional. Realismo nas reivindicações. É preciso trabalhar e trabalhar muito. As reivindicações irrealistas causam vítimas e aqueles que primeiro sofrem são os trabalhadores. É preciso combater arduamente e com determinação, com paciência e com firmeza todos os divisionistas e todos os provocadores».

Muito aplaudido e interrompido frequentemente com gritos «MFA», o brigadeiro Vasco Gonçalves disse ainda que «é preciso um trabalho militante, revolucionário, trabalho de homens que saibam sacrificar-se pelo futuro da sua Pátria. É necessário encarar a valorização profissional como uma opção verdadeiramente revolucionária. É preciso que vos valorizeis». O Primeiro-Ministro falou

sobre o saneamento, que se deve fazer com justiça revolucionária, sem ódio, sem ambição de promoção, sem carácter pessoal e pedindo aos trabalhadores exemplo de idoneidade moral e lucidez em matéria de saneamento».

«Nós precisamos aumentar três ou quatro vezes a nossa produção, mas não se faz de um dia para outro, faz-se com trabalho aturado, permanente, paciente, com muito sacrifício para que possamos obter condições para uma distribuição do rendimento nacional mais equitativa, para que possamos satisfazer as necessidades das classes mais desfavorecidas. As empresas nacionalizadas devem ser os exemplos de rentabilidade. Seremos a grande força do sacrifício, o sacrifício pela Revolução portuguesa desde o Presidente da República até ao trabalhador mais humilde».

O principal obstáculo neste momento é vencermos não do um conjunto de problemas que vos enunciei e que resolvidos abrem caminho para a vitória. Se vencermos a batalha da produção obtendemos condições para a construção da nossa Pátria, abrimos o caminho para o socialismo. A vitória está em vossas mãos. E de vós depende a vitória».

Se ganharmos, avançamos decisivamente no caminho da revolução. Portanto, trabalhadores, não se desanimem com a vossa família. Pensem o que terão de fazer pela vossa Pátria e pelas vossas mãos, do sr. Presidente da República, e das mãos do nosso povo, e do nosso trabalho que dependem a nossa liberdade».

«A aliança Povo-MFA vencerá deste modo o desafio».

Trabalhadores de Portugal! Vós que sois verdadeiros e sinceros camaradas do Movimento das Forças Armadas, vós que sois guardas do nosso movimento, venceremos».

Viva os trabalhadores de todo o Mundo!
Viva os trabalhadores estrangeiros presentes que laboraram na nossa de trabalho!
Viva a Intersindical portuguesa!
Viva os trabalhadores portugueses!
Viva o Movimento das Forças Armadas!
Viva a aliança Povo-MFA!
Viva a Revolução!





UNIDOS E ORGANIZADOS



A CAMINHO DA VITÓRIA



FESTA DE TRABALHADORES FESTA DE COMUNISTAS

«Esta festa é nossa. Ou não fosse a festa dos trabalhadores!»

Não tememos o sol, nem as bichas, nem os encontros. Quando e preciso não dormimos, passando sem almoçar. Quem esteve nas barricadas do 28 de Setembro e do 11 de Março não considera um sacrifício esperar horas num estádio para festejar o 1.º de Maio com o MFA. «É uma alegria.» Um comentário, entre milhares, de um trabalhador da Sorefame. Um comentário que resume o espírito da massa de militantes do nosso Partido, presente na grandiosa manifestação de ontem.

As 13 e 30 as bancadas laterais do estádio já estavam quase totalmente ocupadas. Por trabalhadores. Por militantes comunistas. As 14 horas, explode no vasto recinto a primeira grande ovação. Blusas azuis, cravos no peito, os trabalhadores da célula comunista da Sagres entram no estádio. Nas faixas, o seu espírito de luta: «Aguardemos a nacionalização!»

A entrada dois painéis esguios: num, a chave e a espiga da Intersindical, no outro o dia — 1.º de Maio. O povo começou cedo a cantar, a dar vivas ao MFA. A exprimir em cada palavra de ordem a força do seu sentir revolucionário. A lembrar, na espera, o passado feito caminho para o futuro. Nas faixas e nos cedros verdes aparecem as primeiras bandeiras vermelhas com os símbolos do nosso Partido. Os altifalantes tocam a música da Rádio Portugal Livre. O povo toma-a, canta. Canta a resistência, aplaude a voz que vinha de longe, galvanizava os trabalhadores na batalha contra o fascismo.

As 14 e 30, as bancadas são uma mancha vermelha uniforme. Um bloco de trabalhadores. Um mar movido de bandeiras.

Perto da tribuna fala-se em todas as línguas. São amigos e também adversários da Revolução Portuguesa. E bom que os inimigos estejam também presentes. Podem assistir e um 1.º de Maio como nunca viram nos seus países. A Revolução Portuguesa entrou pelo Mundo e não há mentiras e calúnias que possam esconder a verdade. A força da classe operária presente no estádio luminoso, a vontade revolucionária dos trabalhadores, a solidez da aliança entre o povo e o MFA.

As delegações estrangeiras lado a lado. São mundos antagónicos. Não os homens, mas os países, as sociedades donde são originários. O capitalismo e o socialismo nas bancadas do Estádio 1.º de Maio. E os trabalhadores portugueses apontando para o socialismo, empenhados em levar avante uma revolução que acaba com a exploração do homem, com a fome, a ignorância, o desemprego, que liberta as energias criadoras de um povo fortalecido pela certeza de que nada o impedirá de construir uma sociedade de abundância, de paz, sem monopólios, sem latifúndios, sem classes.

A vitória é difícil, mas é nossa!

A floresta de bandeiras do nosso Partido é mais compacta, mais vermelha, mais ondulante. São 15 horas. Um grupo de visitantes estrangeiros chama a atenção na bancada central. Parecem turistas americanos em cruzeiro pelo mar das Caraíbas... Com pouca roupa, berigas à mostra, calções e blusas de mil cores. Arvoram todos o emblema do Partido Socialista.

«São socialistas holandeses — explica um jornalista americano, amigo do Povo Português, a jovens militantes de UEC. Como vocês vitem, entre o socialismo da União Soviética, o de Cuba, o do Vietnam, o do Brasil e o de...

landa não há nada em comum. Apenas a palavra socialismo que a burguesia, para enganar os trabalhadores, usa abusivamente. Mas um social-democrata, seja holandês, alemão ou sueco, é sempre uma caricatura, na da mais do que um burguês.»

Uma holandesa dormita, sem sapatos, na bancada, transformada em cama. O povo protesta. A senhora acorda, mal humorada.

«O 1.º de Maio não é pi-que-nique na praia!», grita um trabalhador.

O povo é quem mais ordena...

Boinas vermelhas, sombrinhas com a foice e o martelo, distintivos do MFA no pau das bandeiras. O povo inventa. Nos chapéus, nas bandeiras, nas palavras de ordem, nos comentários, a criatividade dos militantes comunistas está presente. Tudo serve para cobrir a cabeça na festa proletária.

Chegam informações da Alameda Afonso Henriques. «O desfile principiou», diz alguém. O nosso Partido encabeça a manifestação. A malta de Ceiras e da Amadora aguentou horas ao sol, aquilo é um mar vermelho e um entusiasmo louco.

«Camaradas, lutemos unidos, porque é nossa a vitória...»

É a primeira vez que na tarde escaldante a multidão canta.

Feliz, unida, proletária.

Chegam destacamentos do MDP e da Frente Socialista Popular, com as suas bandeiras e faixas. São calorosamente aplaudidos. Os trabalhadores comunistas saudam fraternalmente os seus companheiros de luta na batalha pela construção do socialismo.

As notas familiares, mas sempre novas, de «Grândola, Vila Morena» fazem estremecer a massa.

«...terra da fraternidade, o povo é quem mais ordena. Dentro de ti, ó cidade... o povo é quem mais ordena».

«Grândola é comunista! Votou em massa pelo Partido! — lembra um jovem. Mas a canção é de todos os trabalhadores, de todos os revolucionários, de todos os que se batem pela unidade!»

Os portões são um lago vermelho. Por eles se engolfa um rio de bandeiras empunhadas por mãos de trabalhadores, por mãos proletárias. É um painel onde se destacam os símbolos do PCP.

Ao longe avista-se isolada uma bandeira do PPD. A única que apareceu durante o dia no estádio. Mas logo desaparece. «O partido dos patrões não tem lugar na festa dos trabalhadores», é a resposta da massa. «É aqui que se vê o que significa a tal força eleitoral do PPD», observa um operário de CP.

«Assinaram a Plataforma de Acordo com o MFA, mas o que eles querem é defender os monopólios e o latifúndio e continuar a explorar-nos a nós, trabalhadores.»

Descem tarjetas brancas dos helicópteros cinzentos cuja passagem é aplaudida pelo povo. Diz-se que belouçam no ritmo de «Grândola Vila Morena». São palavras de ordem do MFA. Abaixo os monopólios! Abaixo o latifúndio! Contra o capitalismo — para o socialismo! Unidade Sindical-Intersindical! Povo-MFA-Socialismo vencerá! Fora a CIA! E outras.

Rumo ao socialismo

Os trabalhadores cantam, aplaudem, exclamam o MFA. O «Soldado amigo, o povo vo está contigo!» ressoa forte, envolve todo o estádio, redobra de intensidade quando dois Chaimites em suas gaitas começam a...

dos de trabalhadores, oficiais e soldados do MFA.

Com a chegada do Presidente da República, do Primeiro-Ministro e de outros membros do Conselho da Revolução termina o prólogo do 1.º de Maio. A aliança exprime-se nos braços levantados, nas palmas, nos sorrisos, no ondular das bandeiras. A componente popular do processo revolucionário aclama a sua irmã militar. Uma coluna de oficiais das três Armas avança pelo corredor que atravessa o campo e conduz à tribuna.

Avante, avante! Rumo ao socialismo!

O calor da fraternidade proletária, da camaradagem com o MFA não pode ser traduzido nem pelas palavras de ordem, nem pelas palmas, nem pelo acenar das mãos levantadas. É algo cuja força não cabe no estádio, porque é a própria dinâmica do processo, a força de uma Revolução que transcende os homens que a estão fazendo, que constroem a História no dia-a-dia.

As palavras, os gestos, as imagens sobrepõem-se num quadro simultaneamente tempestuoso e sereno.

Colunas compactas, cordões intermináveis de gente surgem nos portões, avançam cadenciadamente. Vermelhos. Sempre vermelhos. São trabalhadores comunistas, militantes do nosso Partido, de centenas de células, empunhando as suas faixas e bandeiras. A frente uma faixa gigantesca: «Unir a esquerda — Caminhar para o socialismo — Partido Comunista Português».

O povo levanta-se. Repete as palavras que os comunistas trazem nas gargantas: Unidade! Unidade! Unidade!

Outra faixa com dezenas de metros: «Contra o capitalismo — Unidade Sindical — Partido Comunista Português».

Unidade! Unidade! Unidade!

O clamor adquire também um ritmo. É ininterrupto. Muda apenas de tom. E sobe, atinge o auge, quando o camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, aparece no extremo do corredor e caminha para a tribuna, acenando aos trabalhadores, sorridente, com a simplicidade de um trabalhador revolucionário.

É a primeira e única vez em toda a tarde em que os comunistas, na festa proletária, exclamam o seu Partido, vanguarda organizada dos trabalhadores, vanguarda revolucionária do povo.

PCPI PCPI PCPI

«Mas logo a palavra de ordem permanente, a palavra do dia, a palavra que traz a força e a dinâmica revolucionária sobre as vozes dos comunistas e de todo o povo, o estádio: «O povo está com o MFA!»



NO ESTÁDIO 1.º DE MAIO

AS PALAVRAS DA INTERSINDICAL

O primeiro orador no comício do Estádio 1.º de Maio foi Antero Martins, em nome da Intersindical, que começou por saudar a presença do Presidente da República, do Primeiro-Ministro, membros do Conselho da Revolução e também das centrais sindicais estrangeiras e confederações mundiais.

E necessário combater as tendências de «autogestão» ou de «co-gestão», cujas consequências são a divisão dos trabalhadores e o desvio das organizações sindicais dos seus objectivos fundamentais de luta que é a defesa dos interesses dos trabalhadores pela consolidação da democracia económica do País.

balhadores mais desfavorecidos;

— Estudar a possibilidade do alargamento progressivo do salário mínimo a todos os trabalhadores;

— Considerar os sectores económicos em dificuldades como «sectores em crise» e que, nestes casos, não seja permitida a distribuição de lucros ou dividendos aos respectivos industriais;

— Expropriar os bens pessoais dos capitalistas que cometem crimes de sabotagem à economia nacional.

Uma profunda reforma fiscal que faça pagar mais a quem mais possui e que permita ao Estado Democrático dispor de meios para o aumento de investimentos que são necessários para combater o desemprego e desenvolver a economia.

Quanto à Reforma Agrária, camaradas é necessário que ela seja efectivamente levada a cabo, de forma a acabar definitivamente com os latifúndios e entregar a terra a quem a trabalha.

As expropriações a efectuar, e que deverão passar a ser património nacional, não devem corresponder quaisquer indemnizações.

Tais medidas têm sido preconizadas e já expressas pelos trabalhadores agrícolas do Alentejo e Ribatejo, que, por outro lado, não têm poupado esforços na conquista da Reforma Agrária e na defesa e avanço do actual processo revolucionário, apesar de muitos milhares de trabalhadores agrícolas se encontrarem em situação de desemprego e, outros, mesmo trabalhando as terras passaram semanas e semanas sem receberem os salários a que têm direito.

Esta a luta heróica de uma parte do povo português, a que sempre foi a mais explorada e sacrificada.

Antero Martins chamou em seguida a atenção para o papel da Previdência que tal como está não serve os trabalhadores, afirmando mais adiante:

Mas, por outro lado, camaradas, teremos de ser nós, com a participação activa na resolução de todos estes problemas, teremos de ser nós, através do trabalho diário, constante, diríamos mesmo, revolucionário, que poderemos criar riqueza suficiente para melhorar as nossas condições de vida e de trabalho, a nossa condição de povo trabalhador.

Teremos de ser nós trabalhadores, com esforço e dedicação, a construir a nova sociedade socialista, a nova sociedade onde não mais tenha lugar a exploração de um homem sobre outro homem em estreita aliança com o MFA, o Conselho da Revolução e o Governo Provisório.

E necessário reforçar e corrigir as organizações dos trabalhadores nas empresas no sentido de consolidar a sua unidade, base indispensável para que os trabalhadores passem a controlar a vida económica das empresas.

E necessário que as nossas organizações sindicais se estruturarem por forma a desempenhar não só o seu papel fundamental de porta-vozes dos amplos anseios das massas trabalhadoras mas também o seu papel no «controlo» e na participação da planificação democrática da economia que nos permitirá alcançar o socialismo.

Neste sentido, torna-se urgente e essencial o desenvolvimento das acções que garantam a rápida verticalização dos sindicatos por ramo de actividade.

E necessário que o Conselho da Revolução institucionalize o «controlo» económico das empresas pelos trabalhadores, através da via sindical como medida essencial para impedir a sabotagem económica criando as condições para a construção da sociedade sem exploradores nem explorados.

E necessário que as nacionalizações prossigam e que aos grandes acionistas e latifundiários não sejam dadas quaisquer indemnizações, em virtude da sua responsabilidade na actual situação económica e na vida de carências e misérias do povo português.

Mas camaradas é também necessário que nós trabalhadores sintamos que a economia já não nos é estranha, ou seja, que a construção socialista da economia é tarefa nossa. Isto implica a afirmação clara do princípio de «controlo» organizado da produção pelos trabalhadores para objectivos de produção e eficiência coordenada pelos órgãos de planeamento, segundo esquemas a definir com brevidade.

Os trabalhadores portugueses estão dispostos a tomar em mãos e a defender a sua Democracia. Os trabalhadores poderão suportar o preço da Revolução sabendo que estão a fazer a sua Revolução!

E urgente que o Governo Provisório e o Conselho Superior da Revolução tomem medidas tendentes a:

— Actualização imediata do salário mínimo nacional, como medida de elementar justiça social tendente a não sacrificar ainda mais os tra-

Quero exaltar a solidariedade, fraternidade e cooperação que têm manifestado, de forma inequívoca, aos trabalhadores portugueses, dentro dos princípios do internacionalismo proletário. Exalto o apoio incondicional que muitas delas têm dado à nossa Revolução.

Quero daqui expressar também a solidariedade da Intersindical a todos os povos do Mundo, particularmente aos dos países que ainda se encontram debaixo do jugo fascista, como o povo mártir do Chile e, aqui bem perto de nós ao povo espanhol, e aos que lutando corajosamente conseguiram libertar-se do imperialismo internacional, como os povos do Camboja e do Vietnam.

Quero ainda saudar, em especial, os povos irmãos das antigas colónias portuguesas, Guiné, Moçambique e Angola, nas suas vanguardas revolucionárias, PAIGC, FRELIMO e MPLA.

Mas a saudação mais especial, camaradas dirige-a a Intersindical a todos os trabalhadores portugueses. E para vós que vão as nossas mais fraternas saudações de luta, pela consolidação das conquistas já alcançadas pela classe trabalhadora pelo avanço do processo revolucionário, pelo rumo ao socialismo que ponha fim à exploração do homem pelo homem.

Depois de se referir aos grandes passos em frente dados pelo processo revolucionário, nomeadamente as históricas medidas do Conselho da Revolução posteriores ao 11 de Março, Antero Martins referiu-se à necessidade da batalha económica, salientando:

Nesta batalha a estrutura sindical tem papel decisivo a desempenhar. Com as novas condições políticas criam-se novas e difíceis tarefas e uma responsabilidade ainda maior. A construção da sociedade socialista depende do trabalho que desenvolvermos em todo este período de transição.

E necessário combater as tendências reaccionárias que, apelidando as nacionalizações de medidas de «capitalismo de Estado» mais não pretendem que lançar os trabalhadores contra a medida histórica tomada pelo Conselho da Revolução.

de membros do Conselho Superior da Revolução, do Governo e da Intersindical.

Durante todo o percurso, helicópteros, voando alto, largaram milhares de panfletos e, mais tarde, esses mesmos helicópteros iriam distribuir cravos vermelhos sobre a multidão que se encontrava concentrada no recinto do estádio.

Impressionante o espectáculo da multidão que enchia o campo. Milhares e milhares de pessoas concentradas manifestando publicamente que a festa dos trabalhadores era uma realidade. Uma realidade que importa defender para que se possa, a partir de agora, repetir todos os anos e sempre na defesa dos interesses dos trabalhadores e das suas conquistas.

Impressionante o espectáculo da multidão que enchia o campo. Milhares e milhares de pessoas concentradas manifestando publicamente que a festa dos trabalhadores era uma realidade. Uma realidade que importa defender para que se possa, a partir de agora, repetir todos os anos e sempre na defesa dos interesses dos trabalhadores e das suas conquistas.

de sindicatos e outras representações.

Só comparável ao anterior 1.º de Maio, o movimento de ontem foi significativo de que os «trabalhadores vencerão», como frisava a palavra de ordem que milhares e milhares de pessoas gritaram. «Dividir é traír» foi também outra das palavras de ordem mais sublinhadas durante a manifestação. Mas a divisão não mais voltará a ser possível no seio das massas trabalhadoras, pois isso significaria o regresso da liberdade de exploração.

Durante o percurso da manifestação numerosas janelas ostentavam colchas ou outros adornos garridos. Algumas, e foram muitas as que vimos, estavam decoradas com os símbolos ou com cartazes do nosso Partido. O cravo vermelho era o adereço que se via em todas as pessoas; espetado na lapela ou agitado na mão, ele era o símbolo da confiança no futuro.

Unidade para a vitória

As canções foram a nota dominante da manifestação, com destaque para «Grândola, Vila Morena» e «Avante, Camaradas». O povo é quem mais ordena foi ontem recordado dezenas de vezes nas vozes dos manifestantes, que não se cansaram de entoar a popular canção. O povo trabalhador é quem mais ordena, como ontem se verificou na grande festa do 1.º de Maio promovida pela Intersindical.

Unidos, os trabalhadores demonstraram, no dia que lhes é consagrado, que estão decididos a caminhar para a vitória. Fileiras cerradas, eles sabem quais os seus interesses e que só através da sua unidade os podem defender.

A unidade é difícil e nem todos a querem aceitar. Mas a esmagadora maioria dos manifestantes frisou bem alto que está unida e que as manobras divisionistas, venham sob a capa que vierem, esbarrar na sua determinação e na aliança do Povo com o MFA.

Uma chuva de cravos

Chegando em vagas ininterruptas, a manifestação depressa encheu o recinto do Estádio 1.º de Maio, onde pouco depois começaria o comício com a presença do Presidente da República, general Costa Gomes, do Primeiro-Ministro, brigadeiro Vasco Gonçalves, e

guerra, agora empenhadas na defesa dos mais fracos.

A manifestação era encabeçada por uma representação numerosa de militares das mais diferentes patentes dos três ramos das Forças Armadas e ainda por alguns elementos do Secretariado da Intersindical Nacional. Logo a seguir via-se a representação do nosso Partido com a presença do camarada Alvaro Cunhal, Joaquim Gomes, Sérgio Vilarigues, José Vitoriano, Blanqui Teixeira e Jaime Serra. Ao lado, o MDP fazia-se representar, entre outros elementos, por Francisco Pereira de Moura e José Manuel Tengarrinha. Seguia-se a banda da GNR, fardada de gala, que tocava a «Marcha de Russel» e que todos os ouvintes identificavam como sendo o hino do MFA, já que foi o indicativo musical que durante os primeiros dias da Revolução antecedia os comunicados militares e as informações ao País.

Era esta a frente da manifestação que se iria prolongar por mais três horas, com gente a passar ininterruptamente.

Os trabalhadores vencerão

Milhares de cartazes, indicando as empresas, desfilarão depois desde a Alameda até ao Estádio. Impossível inumerar todos.

Mas estamos cientes de que ninguém faltou naquele dia de festa. As bandeiras vermelhas do nosso Partido também estiveram presentes em profusão, pois centenas de células de empresas do PCP desfilarão juntamente com delegações

do Barreiro. A numerosa assistência e o entusiasmo que se verificaram eram já o prelúdio da grande manifestação que iria decorrer horas depois.

Dos arredores mais distantes da capital chegavam continuamente trabalhadores que vinham viver a sua festa, participar na grande manifestação - comício promovida pela Intersindical e onde seria anunciada a institucionalização daquele organismo, consagrando-se assim na unicidade a defesa de todos os trabalhadores.

A população sabia-o e ocorreu em massa. As 3 da tarde tornava-se impossível romper na Alameda D. Afonso Henriques, de tal modo a multidão se encontrava concentrada. Um mar de bandeiras vermelhas e de cartazes pairava por cima das cabeças. Estavam presentes delegações das mais diferentes empresas e de numerosas povoações próximas de Lisboa

Nos Chaimites: o povo e o MFA

A grande manifestação que se deslocou para o Estádio 1.º de Maio começou a sair do local da concentração pouco passava das 15 horas e só três horas depois o final conseguiria atingir o local do comício.

A abrir o cortejo seis Chaimites peçados de soldados e populares. Rodando lentamente, os carros militares eram o testemunho da confiança recíproca entre o Povo e os militares. Confraternizando, trabalhadores e o povo fardado formavam autênticos cachos humanos em cima das máquinas de

PRESENÇA DE ORGANIZAÇÕES SINDICAIS ESTRANGEIRAS

Numerosas centrais sindicais de outros países e confederações mundiais enviaram delegações às grandiosas manifestações de ontem em Lisboa: ANGOLA — UNTA — União Nacional dos Trabalhadores Angolanos; ARGÉLIA — UGTA — União Nacional dos Trabalhadores Argelinos; BULGÁRIA — CCSB — Conselho dos Trabalhadores Búlgaros; CHILE — CUT — Central Única dos Trabalhadores; CUBA — CTC — Central dos Trabalhadores da Cuba; ESPANHA — CCOO — Comissões Obreiras; UGT — União Geral dos Trabalhadores; FRANÇA — CFTD — Confederação Francesa Democrática do Trabalho; CGT — Confederação Geral do Trabalho; GUINÉ — BISSAU — UNTG — União Nacional dos Trabalhadores Guineenses; HUNGRIA — CSH — Conselho Central dos Sindicatos Húngaros; JUGOSLÁVIA — CSY — Conselho dos Sindicatos da Jugoslávia; POLÓNIA — CCSP — Conselho Central dos Sindicatos Polacos; REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ — FDGB; ROMÉNIA — CCSR — Conselho Central dos Sindicatos da Roménia; UNIÃO SOVIÉTICA — CCSS — Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos; VIETNAM — FNL — Fronte Nacional de Libertação; CISL — Confederação Internacional dos Sindicatos Livres; CMT — Confederação Mundial do Trabalho; FISM — Federação Sindical Mundial.

OPERÁRIOS, SOLDADOS E MARINHEIROS LADO A LADO NAS RUAS DE LISBOA

Não podemos deixar os cravos murchar, era um dos lemas que a numerosa delegação de marinheiros presentes na manifestação do 1.º de Maio empunhava.

1.º de Maio de festa, 1.º de Maio de afirmação da cidade das classes trabalhadoras — a cidade de Lisboa viveu ontem mais uma grande histórica desde que deu a Revolução de 25 Abril. Dezenas e dezenas de milhares de pessoas vieram para a rua comemorar a grande festa dos trabalhadores. Alegre, garrida, a multidão transbordava os limites, enchia as ruas, enfeitava-se com os auto-carrões. O som, a cor, o brilho sol desta Primavera de Verão davam uma dimensão diferente à alegria dos manifestantes.

Pela segunda vez a festa dos trabalhadores foi comemorada livremente em Lisboa e no Porto nas principais localidades do País. Repetindo a cidade e a alegria do anterior em que juntamente com os festejos dos trabalhadores se misturava o espírito do Movimento das Forças Armadas que antes libertara Portugal de uma ditadura opressora de 48 anos, também o 1.º de Maio de 1975 foi uma prova de estreita aliança do Povo com o MFA, reforço do caminho para o socialismo e para a vitória.

Esta cidade diferente

O movimento era diferente em Lisboa logo de manhã. Carros buzinando e arvorando bandeiras vermelhas percorriam as ruas da cidade. Grupos, de vários numerosos, deslocavam-se pelos locais habituais. Faziam-se piquetes. A concentração para a grande manifestação promovida pela Intersindical estava marcada para as 15 horas da tarde, na Alameda D. Afonso Henriques. A partir do cortejo para o Estádio 1.º de Maio. No dia anterior, muito antes do alvorecer, centenas e centenas de pessoas marcavam a presença naquele local.

Uma manhã milhares de pessoas assistiram a uma festa desportiva no Estádio da Luz que consistiu em jogos de atletismo e futebol. O jogo de futebol em particular de Lisboa e

